

## FAWCETT, O FABULOSO E O MITO

JOSÉ ALCIDES PINTO

Rascunho estas notas, resultado de uma leitura demorada, vagarosamente empreendida no livro do escritor Antônio Calado, **Esqueleto Na Lagoa Verde (A Seca Fria?)**. A interrogação é nossa, por nos parecer que nada tem a ver uma coisa com a outra, como se o autor, necessitando engrossar o livro, ou querendo aproveitar a oportunidade da edição, juntasse aos originais a segunda parte.

O assunto central deste estudo, como é fácil de se verificar, gira em torno do desaparecimento na selva mato-grossense do coronel e explorador inglês Percy Fawcett, e é o mesmo desde que dele se ocupou a imprensa mundial, e que venho acompanhando com grande atenção e o mesmo fascínio que ora o assunto me desperta.

A estória do coronel inglês é uma estória verdadeiramente impressionante. Sua vida, sua conduta, sua inflexível fibra de herói, seu ilimitado fascínio pelo maravilhoso levam-nos a crer que, além de um homem de ação, era igualmente um homem que desconhecia as fronteiras do perigo, isso ele era: um autêntico possuidor de mitos, um visionário audacioso e bravo.

Não deixa de ser uma condição doentia essa de estar a refletir no desaparecimento de uma caravana de exploradores e logo quando tudo parecia encerrado, se não arquivado, retomar, teimosamente, o caminho obstruído.

Penso eu, à altura dos primeiros tópicos deste trabalho, que o "caso Fawcett" será um excelente motivo para excitar a mente dos escritores à volta ao romance de aventura.

Fawcett teve, aos 10 anos, a alucinação do ouro. Foi um fatal acaso que não mais o abandonaria. Os objetos que encontrou eram

reals, mas as visões que despertaram em sua mente se reproduziam em todos os quadros de sua vida predestinada ao colossal.

Reler os jornais da época do seu desaparecimento é um estimulante a alimentar planos, levantar dados demográficos, delimitar regiões e mais ainda proclamar aos quatro ventos que o "caso Fawcett" permanece tão vivo quanto da véspera, que é necessário fazer novamente o que já foi feito, com mais esperança, mais devoção, mais fé, sem dúvida, pois o fantasma de Fawcett pode muito bem estar de pé junto ao Pórtico da Atlântida, esquecido da família, dos amigos e da civilização, embriagado no deslumbramento de todo um mundo bárbaro a rebentar de seus pés e a cercá-lo. A magia do tesouro, a sedução da aventura, tece sua aura irreal em torno de nosso destino, então não somos mais que simples escravos, de pés e mãos atados, submissos ao seu poder imenso, absoluto, cativos de seus caprichos, sem o ânimo, sequer, de nos evadirmos de sua terrível e fleugmática presença.

Em verdade, que temos nós de concreto sobre o extermínio de Fawcett, Jack e seu compatriota Raleigh Rimmell pelos índios Calapalos? Nada mais se fez que desenterrar ossadas que foram à Inglaterra e voltaram sem uma resposta à identificação dos despojos do explorador. Antropólogos e técnicos periciais mexeram em toda uma complicada seara de ossos humanos e nada de positivo apresentaram. Não obstante, procuramos a verdade, tenha ela a idade que tiver.

Tenho em minha mesa de trabalho toda uma papelada confusa sobre o assunto, livros, recortes de jornais, noticiário sobre o explorador britânico desaparecido, mobilizando toda uma equipe de jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, sertanistas e força armada, na ingente procura de arrancá-lo àquela época das garras da morte.

O livro do Sr. Antônio Callado, que em janeiro de 1952 participou, juntamente com Brian Fawcett, filho do explorador, de uma expedição ao local presumível do desaparecimento de Fawcett, nada acrescenta ao que sob versões diversas fora contado e recontado.

Ao contrário, o livro é, sobretudo, malicioso, insinuante, como se o Sr. Callado, na ocasião de narrar os fatos, só tivesse uma única intenção a lhe ferir o cérebro, obrigando-o a tiranizar sem piedade a figura altiva e lendária do maior explorador moderno inglês (e por que não dizer universal?).

"Alguém foi morto ali pelos Calapalos, algum ser talvez obscuro e cujos ossos, por engano, foram parar em Londres. Mas por ali, entre o Cululene e o Tanguru, ali muito por perto deve ter morrido Fawcett. A cova é de George, apenas: Jack e Rimmell devem ter tombado pelos arredores."

Mas vamos aos textos em que a figura do coronel inglês é apresentada sob o aspecto de um monstro sinistro.

“Ou, por outro lado, Fawcett não seria um explorador na expressão clássica do termo, mas um megalômano, sedento de glórias reais, diremos melhor, de brasões e poderes imperiais... Lembrando tudo que encontramos sobre Fawcett ficamos convencidos de que jamais arriscaria sua vida e a do filho para tentar encontrar uma mina de ouro. Não acreditamos em absoluto que buscasse as legendárias minas dos Martírios. Se encontrasse a sua fabulosa cidade ele provavelmente encontraria os tesouros e riquezas que parecem parte infalível de tais descobertas — mas, na sua natureza, a força motriz não era a ambição de enriquecimento. Era, como veremos, de fama, de glória. Este não seria jamais o programa do coronel Fawcett, apesar de poder parecer a muitos que ele era um contemplativo, um místico, um desinteressado das glórias deste mundo. Muitos lhe têm atribuído o móvel do ouro, que certamente não era o seu. Mas era o do novo império, de uma nova era elizabetana.”

Engana-se o Sr. Callado: um explorador não é de modo algum um vilão. É, sobretudo, um poeta, um artista no bom sentido do termo, isto é, um sonhador, um bravo, um herói, um “louco trágico” (nem por isso deixando de ser um místico, um homem de ação), como Arthur Rimbaud, Antonin Artaud, Baudelaire, Poe, Van Gog, e tantos outros, até mesmo Lautréamont, citado pelo diletantismo do Sr. Callado, numa passagem injustificada.

Um explorador não está civicamente ligado ao sentido de coletividade, mas à terra, que é outra coisa, origem e estigma de sua fatalidade. Destruímos, assim, a intenção do Sr. Callado, a de que o coronel britânico seria um sedento de glórias imperiais “de uma nova era elizabetana”, conceito um tanto ingênuo e não menos imaturo, de um jornalista escolhido, ou voluntariamente apresentado, para a cobertura, em plena selva mato-grossense, numa missão das mais árduas e responsáveis, como foi e será a do relatório da estória de Fawcett, sem o falseamento da verdade.

No calor do entusiasmo às vezes nos afastamos de nosso real objetivo, e o resultado é o que se vê: um jogo de reflexões lacunosas, confusas, sem um sentido lógico. As incidências não nos deixam ilusão de que o Sr. Callado tenha escrito esta estória ao fogo do entusiasmo, o que ainda mais o compromete.

O caso Fawcett é um caso que se vê de frente ou não se vê. Ou se pretende trazê-lo à luz da verdade ou se o ignora por completo. Hipótese, não interessa. Não podemos esquivar-nos das constantes flechadas do escritor:

"Allás, Fawcett, apesar do inegável conhecimento que tinha de índios, parece ter sido mesmo com eles o homem tirânico e altaneiro que dá a impressão de ter sido mais ou menos com todo o mundo."

Aqui, pelo menos, o escritor carioca não pôde dissimular a sua idiossincrasia pelo explorador britânico. Preferimos antes a humildade e o desprendimento com que nos fala (objetivamente e de maneira edificante) o escritor Lincoln de Souza. Usa uma linguagem até mesmo específica nos termos empregados. Entra pela lexicografia indígena e nos dá uma boa noção do significado da "fala" dos aborígenes. Temos, em seu livro, **Entre os Xavantes do Roncador**, um capítulo dedicado ao desaparecimento de Fawcett, no qual expressa, em forma de cartilha ou gramática inicial, o idioma xavantino. Com esse autor o coronel inglês recebe um tratamento condigno.

### A CIDADE FANTASMA

Todos os sonhos de Fawcett, todas as suas horas de meditação, todos os seus estudos (mesmo os de ocultismo) foram derivados do mundo fabuloso que encheu sua mente infantil, desde que, segundo nos relata o Sr. Wilkins, os mistérios da antiga América do Sul foram atirados numa cova onde suas mãos tatearam e recolheram um objeto de prata, resíduos de antigo tesouro. Desde então o sonho do fabuloso o enfeitara. Daí a sua inclinação pelo budismo, o ocultismo e até mesmo os "guias espirituais". Todavia, era um cético, em matéria religiosa, sem, contudo, deixar de ser um místico. O que importa uma coisa à outra? O que as prende? Fawcett talvez fosse um "místico panteísta", naquilo que de panteísmo cabe à contemplação da natureza. Estudaria, depois, arqueologia, textos de antigas escritas, alfabetos, caracteres gráficos, inscrições rupestres. Deus sabe lá o quanto estudava e gostaria de fazer ainda. Fawcett não teria outras razões na vida que o impedissem de viver 10 mil anos, tempo talvez necessário à concretização de seu sonho imenso.

Armado, prevenido, confiante em seu lastro paleontológico, deixaria ele de lado para penetrar na pesquisa mais aprofundada as experiências e os "transes" caldeados na pureza e nas contemplações (ou fruto da sua intuição prodigiosa) para copiar inscrições rupestres nas galerias e pilastras onde estranhas raças teriam deixado a marca de sua passagem sobre a terra — riqueza natural, fruto da inteligência primitiva — ou arrastaria consigo, numa fusão homogênea, todos os grandes sonhos de sua vida para ajudá-los nessa caminhada heróica da descoberta da Atlântida?

Isso me parece viável. Fawcett era um homem completo, um homem que não se dissipava, um estudioso sistemático. Penetrou na selva com seu conhecimento de budismo, de ocultismo, com seus "guias espirituais", dados arqueológicos, mapas etc. Um engenho equipado de todos os aparelhos telepáticos necessários, tal qual hoje uma cápsula, só que a sua tinha raízes na antiguidade, no primitivismo, e não levantava vôo de uma plataforma pré-construída, mas, ao contrário, far-se-ia como um mergulho nos escombros de uma cidade extinta, para emergir glorificado por deuses pagãos de estranhos ritos.

A vida de Percy Harrison Fawcett não revela, de modo algum, o general megalômano, ambicioso de glórias imperiais de que não se cansa de falar Antônio Callado. Suas pesquisas, suas andanças pelo mundo do ocultismo não eram as de um asceta, um sedento de fé religiosa. Sua metafísica era a de um perfeito evocador de tesouro, já que os designios o marcaram desde a infância.

As visões de Fawcett encontraram eco em coisas palpáveis, como a prata, o ouro, a história medonha de toda uma geração soterrada em seu próprio reino. Os objetos de prata descobertos não incluíam, entre si, nenhuma imagem que tivesse a forma de um pugil. Uma prova apenas encontrada recompensaria, satisfatoriamente, sua eterna sede do desconhecido, preencheria toda a sua angústia de conquistador, porque era, de qualquer forma, o prêmio da sua vitória.

Portanto, repito que a glória de Fawcett se prendia, unicamente, à descoberta de um povo que em tempos imemorais pisou com pés gigantes as selvas ainda sem nome e aí erigiu as pilastras de seus templos sem teto, de acordo com seus estranhos ritos ou práticas religiosas, sob a adoração do deus Sol ou dos próprios ventos, quem sabe lá?

Fawcett acreditou na Cidade Abandonada. Acreditou com toda a grandeza de seu sonho absurdo, com toda a sua intrépida coragem. Acreditou (talvez) que fosse a mesma que buscaram os bandeirantes e sertanistas, acreditou nessa numeração prodigiosa e macabra (1753), acreditou, enfim, no mapa que trazia às mãos. Estabeleceu a direção territorial de acordo com sua maneira de ver e encarar os fatos. Não era um simples propósito, mas uma resolução definitiva, irrevogável como a sentença de um deus irado. E, cego de confiança em si mesmo, não pouparia nem mesmo o próprio filho (pois que não se poupava) nem ao seu companheiro, o não menos destemido Rimmell. Não os pouparia para a caminhada, para o perigo, para a morte, pois todos iam em busca do mesmo objetivo, obcecados pelos mesmos motivos, o mesmo sonho — o tesouro —

contra o qual nenhum perigo prevalece. Não “poupá-los”, não se emprega aqui com o mesmo sentido do Sr. Antônio Callado, **como se o coronel inglês fosse um desumano** (o grifo é nosso), mas naquilo que de recompensa para um explorador significa a concretização de seu sonho.

Um explorador da estatura e da audácia de Fawcett não é de modo algum “um Caçador de Esmeraldas”, arrastando uma bandeira com um exército de homens, mas sim um solitário lobo faminto.

Fawcett não tinha ilusões quanto ao enorme perigo que iria enfrentar. Ele próprio o narrou em seu Diário. Aproveitamos, para a citação, um dos raros textos de **Esqueleto na Lagoa Verde** que não são falazes:

“Escrevendo antes de desaparecer na selva de Mato Grosso, sobre a cidade que buscava em 1925, Fawcett foi sibilino e dramático. Segundo ele, o verdadeiro caminho só era conhecido de três homens vivos. Um era um francês, escreveu Fawcett, cuja última tentativa feita para chegar ao local foi paga com a perda de um olho, e é provável que não faça mais nenhuma; o segundo é um inglês que, antes de deixar o seu país, já sofria de câncer em adiantado estágio e que provavelmente não vive mais, e o terceiro é o autor destas linhas.”

Embrutecido pelo calor, a fome, lutando contra a violência de todo um inferno de insetos e feras a rodeá-lo, Fawcett não podia contar histórias de trancoso a Cavucuire, seu guia, com quem se presume tenha o militar inglês altercado três vezes, acabando por despedi-lo sem qualquer recompensa ao seu trabalho (um punhado de miçangas, um tabaco inglês, algumas medalhas recheadas a latão etc.). Cavucuire, nas mãos de quem o explorador teria perdido a vida, somando-se mais a esta a morte de Jack pelo (suposto) índio Cuiuli, comparsa do guia vingativo. Ora, tudo isso não passa de suposições. Hipótese, apenas.

## MAPA FATÍDICO

O mapa que forneceu a senda do inferno a Fawcett, e que poderia ter aparecido aqui na ordem cronológica do trabalho, figura ao fim como uma lógica absurda e seqüência desbaratada. A menos que queiramos aceitar como verdadeira essa justificativa: a de que o mapa fosse fictício como a maioria dos mapas de tesouros, que não passam do fruto da imaginação absurda e visionária de seus executores.

Sobre outro ângulo, tentamos interpor aqui outra estória. Dispensamos o mapa fatídico dos bandeirantes de 1753. A Atlântida, a Cidade Abandonada, a Cidade Fantasma, talvez não esteja situada no Sul do País, mas no Norte, ou no Nordeste, com mais propriedade. Por que o colossal há de ser encontrado somente no Sul? Sim, talvez o imenso tesouro por tantos sonhado e infrutiferamente procurado exista no Nordeste — imenso chão de tabuleiro, pisado por beatos e videntes — fornalha predestinada à maldição.

Falo, naturalmente, do Ceará, região que conheço palmo a palmo (que outros decantem seus Estados). E falo mais propriamente da região Norte, que a maioria dos historiadores cearenses desconhece. A região Norte, que o Sr. Antônio Callado jamais ouviu falar; do contrário, não teria escrito esta tolice: “Tomamos um táxi em Fortaleza, descemos 400 quilômetros de zona terrivelmente seca no Ceará, até Icó, atravessamos a Paraíba de ponta a ponta, rumo ao levente, mergulhando no boqueirão da seca que é o Cariri valoroso e altivo, e fomos sair em Recife, num total de 1250 quilômetros rodados.”

A zona Sul, o Vale do Cariri, “valoroso e altivo” no pensamento barroco do Sr. Callado, nunca foi zona de seca, dado que o Vale do Cariri é a região mais saudável do Ceará, conhecida pelo seu clima ameno e de grande fartura. Nem vale a pena insistir nisso. Falemos de coisas concretas e objetivas.

Se queremos descobrir tesouros, que nos agarremos ao mito, ao religioso, ao absurdo, enfim, pois melhor falam essas coisas que os “mapas”. Poucos sabem da existência das Pilastras encontradas às margens do rio Acaraú, a um quilômetro do povoado de São Francisco do Estreito. Como estamos falando em tesouro, não perdemos tempo em descrições de outra natureza.

Situada às margens do Acaraú — rio e cidade — porto onde o mar demarca a região, onde o oceano se prolonga infinito, que há de excepcional em São Francisco do Estreito — área que cobre até Fortaleza 64 léguas pelos caminhos usuais? Que há de colossal nessa região crivada de imensas cordilheiras: Serra Grande, Meruoca, Picos e a fabulosa serra do Mucuripe? (Não confundir com Mucuripe porto, situado na capital do Estado.)

De excepcional existem as “Pedras sem Cabeça”, nome dado pelos primeiros habitantes do povoado às Pilastras — templo sem teto — grandiosíssimas rochas de formas arredondadas, umas sobre as outras, montadas à altura de um edifício de seis andares. Aí encontramos inscrições legíveis nas íngremes e escuras camarinhas e, além disso, ouviremos dos mais velhos a estória da moça encantada, como em todas as lendas (naturalmente) metade mulher,

metade serpente; o canto do galo não menos misterioso que o assovio da serpente — o temeroso dragão tantas vezes visto por criaturas idôneas. E teremos, ainda, o pronunciamento das beatas que jurarão pelo que há de mais sagrado (beijando a cruz de madeira de seus longos rosários de contas de caroços) como nas “Pedras sem Cabeça” existe um tesouro encantado. Sim, aí estão elas (anônimas) com suas inscrições e seu encanto, a desafiar a audácia e o conhecimento dos espeleologistas, arqueologistas etc.

A História é uma grande mentira. Mas nem por isso deixa de ser verdadeira.